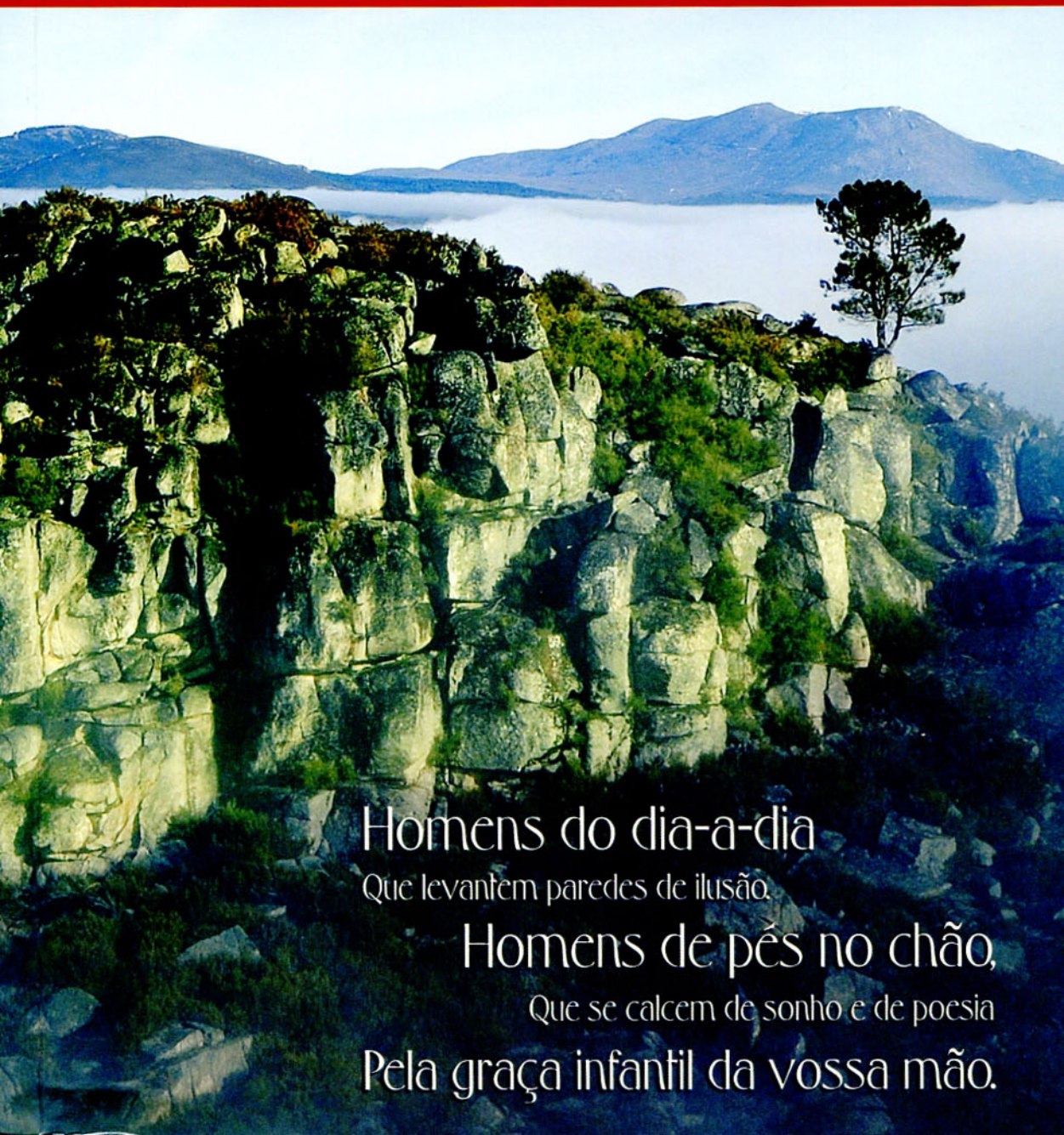


Trás-os-Montes e Alto Douro

Mosaico de Ciência e Cultura

Textos coordenados por Armando Palavras



Homens do dia-a-dia

Que levantem paredes de ilusão.

Homens de pés no chão,

Que se calcem de sonho e de poesia

Pela graça infantil da vossa mão.

Ficha técnica

Título: Trás-os-Montes e Alto Douro – Mosaico de Ciência e cultura

Propriedade : Comissão de Festas Nossa Senhora das Graças 2011

Director: António Neto

Coordenador: Armando Palavras

Orientador gráfico: Mário Teixeira

Capa : Mário Teixeira

Organização: António Neto e Armando Palavras

Design e execução: equipa técnica Exoterra

Digitalização: Adelaide Neto

Colaboração: Carlos Novais

Tiragem: 10.000

Deposito legal: 329 404/11

Impressão e acabamento: Exoterra Lda -geral@exoterra.pt

Reservado todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Autores	5
Adriano Moreira.....	7
Antônio Neto.....	9
Justificação	
Armando Palavras.....	11
P. M.....	13
País e o Mundo	
Adriano Moreira.....	15
José Alberto Loureiro dos Santos (General).....	17
Análise/Reflexão	
Hirondino Fernandes.....	19
Luís Dias de Carvalho.....	25
Telmo Verdelho.....	27
Personalidades Transmontanas	
Abílio Gomes (Coronel).....	33
Inocência Pereira.....	37
Viagens	
Antônio Modesto Navarro.....	43
Bento da Cruz.....	49
João de Sá.....	53
Por Esse Douro Acima	
Antônio Barreto.....	59
Ilda Pinto Ribeiro.....	61
Poemas	
Ernesto Rodrigues.....	63
Fernando Castro Branco.....	65
Ilda Pinto Ribeiro.....	69
Pedro Castelhana.....	73
Silvio Teixeira.....	79
Narrativas	
Antônio Borges Coelho.....	81
Antônio Passos Coelho.....	83
Bernardino Henriques.....	87
Fernando Castro Branco.....	91
Fernando Chiotte Tavares.....	93
J. Rentes de Carvalho.....	97
Jorge Tuela.....	99
Manuel Cardoso.....	101
Monografias	
Carlos Abreu.....	105
Mercado de Trabalho	
Maria Márcia de Almeida Trigo.....	115
Costumes e Tradições	
Alexandre Parafita.....	125
Antônio Pinelo Tiza.....	129
Por Terras do Riba Cõa	
Alexandra Cerveira Lima.....	135
Por Terras de Foz Cõa	
Antônio Martinho Baptista.....	141
Por Terras Barrosãs	
Antônio Lourenço Fontes.....	149
Barroso da Fonte.....	157
Por Terras de Miranda	
Amadeu Ferreira.....	163
Carlos Ferreira/Júlio Meirinhos.....	165
Francisco Niebro.....	185
Reminiscência	
Donzília Martins.....	191
Virgílio Gomes.....	199
Arte	
Eugénio Cavalheiro.....	201
Nadir Afonso.....	205
Música	
José Neves.....	207
Paulo Preto.....	211
Roberto Leal.....	215
Museologia	
Nelson Campos.....	219
Ciência	
Maria dos Anjos Pires.....	225
Paula Seixas Arnaldo.....	229

Gastronomia	
José António Silva.....	231
Jorge Lage.....	233
Crítica Social	
Manuel António Pires Brás.....	237
Sílvia Teixeira.....	243
Lagoaça	
Foral.....	245
Tradução	
P. M.	247
A. M. Pires Cabral.....	249
Adília Figueira Verdelho.....	253
Aniceto Afonso (Coronel).....	259
António de Almeida Santos.....	265
António Pimenta de Castro.....	267
António Júlio Andrade e Fernanda Guimarães.....	271
Armando Palavras.....	283
Hirondino Isaías.....	291
Mandocas.....	293
Maria Margarida Moreno Areias de Almeida Santos.....	295
Otilia Pereira Lage.....	299
Pedro Figueira Verdelho.....	315
Teixeira Leite.....	317
Vítor Barros.....	319
Testemunhos	
Maria Aline Costa.....	323
Amadeu Martins.....	325
Carlos Novais.....	337
José Santos.....	341
Manuel Francisco Felgueiras Pinto.....	343
Rui Carvalho.....	345
De outras Terras	
Hélder Gomes.....	347
A Encerrar	
Adelaide Neto.....	349
Curriculos dos Autores	351
Curriculos dos Autarcas	379

Museologia

O MUSEU COMO ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO E INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO – REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DO MUSEU DO FERRO & DA REGIÃO DE MONCORVO

Evolução do conceito de Museu – do edifício para o território

A instituição museal, desde a sua origem, nos primórdios do coleccionismo, para além da intenção de ordenar e interpretar o mundo a partir dos espécimes recolhidos, teve, à parte a missão de preservar e conservar, uma outra, que seria o seu fim último, a qual era a da comunicação/transmissão de um saber e/ou de uma estética, através de objectos, fossem eles de colecção privada ou, muito mais tarde, pública (sobretudo após a Revolução Francesa). O objecto ganhou assim uma função semiótica, funcionando o museu como um interface entre o coleccionador/investigador e o público/visitante, usando-se, para isso, um discurso, uma narrativa, uma linguagem. A começar pela fachada do edifício, passando pela apresentação museográfica, acabando nos objectos, tudo emite uma mensagem e tudo é objecto de uma “escolha” (mais ou menos criteriosa), feita por indivíduos mais ou menos especialistas, o que, em última instância, não deixa de apresentar aquela carga de subjectividade, denotação e conotação, inerentes a qualquer discurso narrativo.

Já ao longo do século XX, assistimos a uma evolução do conceito de museu, de instituição hierática, centrada num edifício mais ou menos solene (o museu clássico), para formas de musealização centradas no território, como foi o caso dos “ecomuseus” teorizados por G. Henri Riviére, com base na ideia de “museus de ar livre” colhida das experiências dos parques naturais. E é curioso que uma das experiências pioneiras (apesar de não se ter revelado tão bem sucedida quanto se esperava), tivesse incidido sobre uma comunidade urbana mineira, o projecto Creusot-Montceau-Les-Mines,

inicialmente designado por Museu do Homem e da Indústria. Este novo conceito de Museu, procurava um forte vínculo com a comunidade, dela devendo emanar a própria estrutura museológica. “O museu não tem visitantes, tem habitantes”, proclamava Hugues de Varine, na década de 1970¹.

O caso de Moncorvo – centro mineiro

O caso que aqui apresentamos envolve igualmente um território que teve um passado ligado à mineração, em maior ou menor escala. Trata-se da área mineira da serra do Roborêdo, a maior jazida de minerais de ferro da Europa (com predominância de hematites), calculada em mais de 670 milhões de toneladas. Esta serra, com a altitude máxima de 915 m, encontra-se no concelho trasmontano de Torre de Moncorvo, entre os rios Sabor e Douro.

A exploração e transformação do minério de ferro de Torre de Moncorvo está documentada, com segurança, desde o período romano (séc. I d.C.), estendendo-se até ao final do séc. XVIII e, num caso, entrando ainda no início do séc. XIX (ferraria de Chapa-Cunha, único exemplo local em terá sido aplicada a técnica da forja catalã). Durante o século XIX esta região ficou à margem da Revolução Industrial europeia, apenas se registando um interesse pelas minas a partir do terceiro quartel desse século, embora os estudos geológicos de campo só se verificassem na transição para o século XX, já por conta dos empórios internacionais ligados ao ferro e ao aço, nomeadamente a Schneider & C^a. Entre 1930 e 1942, este consórcio, com outras empresas sucedâneas promoveram actividades prospectivas que foram interrompidas durante a 2^a. Grande Guerra. No pós-guerra, em 1951, constituiu-se uma empresa portuguesa, a Ferrominas Ld^a., que iniciou a exploração de minérios em grande escala, sobretudo com objectivo de exportação para mistura com minerais mais ricos, já que o teor médio de Fe do minério de Moncorvo era baixo e contendo muitas impurezas. Esta é a fase que ainda perdura bem na memória das pessoas locais, pois o período de laboração, embora sempre em decréscimo a partir da década de 1950, haveria de chegar ainda a 1985, gerando até grandes expectativas de relançamento das minas, no seu momento final². Data deste período a criação de um pequeno museu de empresa, essencialmente dedicado ao Ferro, localizado no bairro mineiro do Carvalhal, recolhendo material diverso, desde uma colecção geológica, vestígios da época romana relacionados com a actividade mineira, documentos medievais, fotografias e objectos relacionados com a actividade extractiva do séc. XX³.

Museu do Ferro – do bairro mineiro para a sede do concelho

Com o encerramento da Ferrominas (1986-1992) e a passagem das concessões e demais documentação para a Empresa de Desenvolvimento Mineiro (EDM), com sede em Lisboa, o Museu do Ferro ficou praticamente inactivo, razão pela qual foi decidida a sua trasladação para a sede do concelho, nos inícios de 1995, através de um protocolo com a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo que, por sua vez, estabeleceu uma parceria com uma associação local de estudo e defesa do património, denominada Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo (PARM), para efeitos de gestão do novo museu, intitulado agora Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. O museu ficou instalado num antigo solar de traça

¹Artigo de H. de Varine, in *Museum*, 25 (4), 1973, p. 242 cit. in RIVIÈRE 1993, p. 200.

²Sobre a história do ferro de Moncorvo, ver: CUSTÓDIO & BARROS 1983, vários artigos de J. Custódio in CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, e CAMPOS 2010, entre outros.

³O projecto deste museu foi elaborado por Jorge Custódio, cf. catálogo do mesmo editado pela Ferrominas E.P. – ver FERROMINAS s/d.

seiscentista, na imediação da igreja matriz (do século XVI) que é monumento nacional. Desde 1995 a 2002 foram implementadas várias candidaturas a fundos comunitários que tornaram possível a recuperação do edifício e de um terreno anexo, que foi ajardinado, e onde se construiu um auditório para exposições temporárias e outros eventos. Além do núcleo temático dedicado ao Ferro, havia (e há) a ideia de se criar um núcleo didáctico que mostrasse outros aspectos da arqueologia e da história da região. Esta sala ainda não se encontra organizada, mas em contrapartida foi possível albergar na área de reservas várias peças arqueológicas que andavam dispersas, assim como o espólio resultante de prospecções e escavações realizadas no concelho.

Propostas para o futuro

Conseguida que foi esta plataforma de apoio, tipo Centro Interpretativo da região, era intenção dos responsáveis da associação levar este programa museológico mais longe, estendendo-o sobre o território e reforçando a componente do Ferro, no âmbito de um Parque Mineiro, envolvendo o bairro da Ferrominas, convertido em aldeamento turístico, a zona de extracção a céu aberto (Alto da Carvalhosa) e as galerias (Cotovia, cabeça da Mua, Carvalhosa), bem como as estações de caminho de ferro de Torre de Moncorvo e do Carvalhal (a antiga linha do Sabor).

Esta rede museal local passaria ainda por outros núcleos museológicos a criar ou em fase de implementação, por parte do município de Torre de Moncorvo, como por exemplo: o núcleo museológico dedicado ao antigo castelo medieval, a instalar nas ruínas do castelo, em pleno centro histórico de Torre de Moncorvo; o núcleo de Arte Sacra, na igreja da Misericórdia desta vila (em fase de concretização); uma forja de ferreiro e núcleo das Artes Cerâmicas, na aldeia de Felgar (em fase estudo); núcleo da Cera, num antigo lagar comunitário da cera, na aldeia de Felgueiras (em estudo). Poderiam ainda ficar associados à rede projectos museológicos de iniciativa privada, como por exemplo o Museu do Vinho da Quinta das Aveleiras (existente desde 1999) ou o Núcleo Museológico de Fotografia do Douro Superior (inaugurado em 2009).

Igualmente nesta rede poderiam ser integrados alguns sítios arqueológicos, após o seu estudo, recuperação e valorização, como por exemplo o sítio arqueológico do Baldoeiro (com vestígios da Pré-história ao período medieval), a Vila Velha de Santa Cruz da Vilariça (vila medieval desertificada no final do século XIII e que está na génese do actual concelho de Torre de Moncorvo), o castro da Cigadonha (na freguesia de Carviçais), algumas necrópoles de sepulturas escavadas na rocha, datáveis do período medieval. Há ainda a salientar alguns monumentos nacionais e imóveis de interesse público, que interessava potenciar e articular no quadro desta rede: igreja tardo-românica de Santiago de Adeganha (século XIII-XIV?), a igreja matriz de Torre de Moncorvo (século XVI), a igreja da Misericórdia (século XVI), capela de Senhora da Teixeira, com notáveis pinturas a fresco no seu interior (século XVI), santuário de Santo Apolinário de Urros, etc.⁴

Esta rede local de núcleos museológicos poderia (e deveria) integrar a Rede Portuguesa de Museus e, à escala regional, a rede do Museu do Douro enquanto museu de território abrangente de todos os concelhos da região demarcada do chamado Vinho do Porto⁵. É de notar que Torre de Moncorvo se insere, embora em pequena extensão, na paisagem

⁴Basicamente esta ideia de Rede Museal Local foi explanada no artigo de J. Custódio e N. Campos, "O Museu do Ferro & da Região de Moncorvo: um museu de território?", in CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, pp. 20-41, sendo posteriormente objecto de um projecto de tese de mestrado de N. Campos, sob o tema: "O projecto MM/Museu de Moncorvo - uma proposta de rede museal local".

⁵Ver sobre o Museu do Ferro e outros museus da região do Douro: SOEIRO 2005.

vinhateira duriense classificada como Património Mundial pela UNESCO.

Espaço identitário, “produto” cultural e célula de investigação científica

Pretendia-se com este projecto aumentar exponencialmente o potencial turístico da região em causa, articulando-o com diversas rotas já constituídas ou a desenvolver (Rota do Vinho do Porto, Rota da Seda, Caminhos de Santiago), intensificando o agro-turismo, o turismo gastronómico, o artesanato, a hotelaria, comércio e serviços, procurando fixar pessoas, criando nichos de mercado, e, dessa forma, tentar minimizar o impacto da desertificação humana, o problema maior desta região do interior.

Enquanto função cultural – instrumento de comunicação – procura-se actuar em dois níveis: a) em relação ao “forasteiro” (termo talvez preferível ao de “turista”), pretende-se ajudá-lo a conhecer e a interpretar o território visitado, enriquecendo o seu conhecimento por comparação com outras realidades que conhece, e permitindo-lhe uma fruição mais completa e esclarecida sobre o objecto da sua visita; b) em relação à população autóctone (comunidade residente e aqueles que foram levados pela Diáspora), pretende-se conferir-lhes, pelo conhecimento alargado das realidades mais ou menos antigas do seu território, um maior sentido de identidade e de auto-estima, factores de educação e de cultura que lhes permitam uma tomada de consciência da sua origem e do seu lugar no mundo, bem como uma atitude mais positiva conducente a uma melhor cidadania, revendo-se no seu património e constituindo-se como seus principais defensores.

A emanção e sustentação do museu a partir da vontade das comunidades, como defendiam os teóricos dos ecomuseus, revelou-se aqui, como noutros locais, algo utópica. Todavia, esse desiderato não pode ser deixado de lado, procurando-se tanto quanto possível a sua concretização. Nesse sentido, destacamos o início de dois projectos de recolha de memórias dos antigos ferreiros e mineiros, envolvendo os principais actores desta história, através de inquéritos orais (com registo audiovisual). Esta informação, depois de tratada, poderá informar melhor o dispositivo narrativo do museu, ou funcionar de forma autónoma, como acervo do Centro de Documentação do mesmo, que de futuro poderá ficar acessível “on line” através da “Internet”. Este é um dos caminhos que cada vez mais se impõe a um museu deste tipo, hoje: o de funcionar como um instrumento de comunicação, um livro aberto sobre o território e uma janela aberta para o mundo, para lá das suas quatro paredes do edifício.

Nelson Campos

MUSEU DO FERRO – FOTOGRAFIAS



1 – Edifício do antigo Museu do Ferro no bairro mineiro do Carvalhal



2 – Edifício do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo, na solar do barão de Palme, Torre de Moncorvo



3 – Aspecto da sala da Ferro – ferreiros e objectos da forja.



4 – Aspecto da Sala do Ferro.



5 – Jardins do Museu, vendo-se o auditório e as traseiras do edifício principal (em cima).

Fotos: Arquivo do MF&RM.